

A pior depressão de todos os tempos



HELVÉCIO CARDOSO

Estamos vivendo a mais profunda depressão econômica de todos os tempos. Jogar toda a culpa disso em Dilma ou em Temer é fácil e desleal. A crise começa na queda abrupta dos preços das commodities no mercado internacional, prejudicando as exportações brasileiras. Uma política equivocada de Dilma Rousseff de estimular a economia via desonerações à indústria resultou ineficaz.

O desequilíbrio das contas do governo levou a que os preços administrados fossem majorados, provocando uma inflação de mais de 10% no ano de 2015, levando o Banco Central a aumentar violentamente a taxa básica de juros, a Selic. O ministro Joaquim Levy tentou controlar a situação por meio de uma política de ajuste fiscal. Foi sabotado pelo Congresso Nacional, que aprovou as chamadas pautas-bomba.

A campanha pelo impeachment de Dilma gerou, no rastro das incertezas políticas, turbulências econômicas. As decisões do juiz Sérgio Moro afetando a Petrobras e as grandes empreiteiras brasileiras contribuíram para agravar o quadro recessivo.

A curva da depressão de 2016 se bifurca em dois cenários. Num cenário otimista e noutro pessimista. A barra da esquerda é um número índice, que toma como referência o ano base, isto é, o ano

imediatamente anterior à crise, que tem valor 100. A partir dele, pode-se observar o decréscimo percentual do PIB, em cada crise. A curva em preto, referente à crise atual, revela o maior decréscimo do PIB.

O gráfico é do professor Pedro Rossi, do Instituto de Economia da **Unicamp**, que elaborou um gráfico, com dados do Banco Central, em que compara os grandes movimentos depressivos da economia brasileira

CRISE DA DÍVIDA

A recuperação da Economia, supondo que tivesse agora uma trajetória ascendente, se daria abaixo da que correu nas outras depressões comparáveis: no crash de 29 da Bolsa de Nova Iorque, no confisco da poupança do Collor e na crise da dívida.

O governo federal aposta que o Novo Regime Fiscal trará de

volta o crescimento. É mais torcida do que certeza. Para economistas não ligados ao mercado financeiro, a combinação de juros altos com câmbio superapreciado é um fator estrutural de inibição de quaisquer iniciativas do setor privado visando soerguer a economia. Os desenvolvimentistas propõem a implementação de uma política keynesiana de investimentos públicos em larga escala, para reaquecer a demanda. A esta política se opõe vigorosamente o capital financeiro e seus ideólogos, que controlam a grande mídia e os aparatos estatais de formulação de política econômica.

Tudo indica que somente depois de 2018, quando o País eleger um novo presidente da República e um novo Congresso, comprometidos com um programa de retomada do Desenvolvimento, o país terá efetivas condições de sair da depressão econômica.